



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ISAQUE DE JESUS OLIVEIRA

**ZINE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS PARA PROMOÇÃO
DA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

ISAQUE DE JESUS OLIVEIRA

**ZINE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS PARA PROMOÇÃO
DA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**

Trabalho de Conclusão de apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

O47z

Oliveira, Isaque de Jesus.

Zine, história e educação : um relato de experiência sobre metodologias pedagógicas para promoção da educação étnico-racial / Isaque de Jesus Oliveira. - 2025.

47 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em História) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam Santos.

1. Fanzines. 2. Educação - Brasil - Relações étnico-raciais. 3. História - Estudo e ensino. 4. Antirracismo. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 907.1081

ISAQUE DE JESUS OLIVEIRA

**ZINE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS PARA PROMOÇÃO
DA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**

Trabalho de Conclusão de apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 28/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam Santos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Jorge Lúzio Matos da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

RESUMO

Este trabalho estrutura uma reflexão biográfica sobre a trajetória de desenvolvimento da Educação Étnico-Racial no Brasil e o ensino de História, perpassando a subárea das práticas pedagógicas e materiais complementares, empreendendo a análise do Zine como material paradigmático possível para o trabalho com a ERER. A partir disso, são propostas metodologias de trabalho pedagógico, oferecendo contrapartidas a comunidade e a academia, para o incentivo e fortalecimento de práticas antirracistas e a ampliação do campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais no Brasil. Esses pontos de interlocução que influenciaram as análises, se interconectam através de uma encruzilhada e o nosso local posiciona-se frente a essas conexões. O que temos de reflexo é o cenário cotidiano e experiências de intervenção social e educativa, que propõem mobilizar docentes, estudantes e pesquisadores na construção de um ensino de História comprometido com a equidade racial, a valorização das identidades subalternizadas e a produção de novos sentidos para a educação brasileira. A relevância que pontuamos na conclusão reafirma o potencial transformador que tem a metodologia de zines, e o posiciona de fato como uma ação política e didática. Narramos relatos verídicos que são o testemunho da inauguração de um movimento com potencial transformador enorme e que vem orientando práticas pedagógicas a partir de seu desenvolvimento em âmbito educacional.

Palavras-chave: fanzines; educação - Brasil - relações étnico-raciais; história - estudo e ensino; antirracismo.

ABSTRACT

This work structures a biographical reflection on the trajectory of the development of Ethnic-Racial Education in Brazil and the teaching of History, encompassing the sub-area of pedagogical practices and complementary materials, undertaking an analysis of the Zine as a possible supplementary teaching material for working with Ethnic-Racial Education. From this, pedagogical work methodologies are proposed, offering contributions to the community and academia, to encourage and strengthen anti-racist practices and expand the field of Education for Ethnic-Racial Relations in Brazil. These points of dialogue that influenced the analyses interconnect at a crossroads, and our perspective positions itself in relation to these connections. What we see reflected is the daily scenario and experiences of social and educational intervention, which aim to mobilize teachers, students, and researchers in the construction of a History education committed to racial equity, the valorization of subaltern identities, and the production of new meanings for Brazilian education. The relevance we highlighted in the conclusion reaffirms the transformative potential of the zine methodology, and positions it as a political and didactic action. We narrated true stories that bear witness to the inauguration of a movement with enormous transformative potential, one that has been guiding pedagogical practices since its development in the educational field.

Keywords: fanzines; education - Brazil - ethnic-racial relations; history - study and teaching; anti-racism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CONTE-ME SUA HISTÓRIA	11
2.1	EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA	11
2.2	REPENSANDO MATERIAIS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS	13
3	OUÇA MINHA HISTÓRIA	18
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ZINE	18
3.2	UM BREVE RELATO NESSA HISTÓRIA	21
3.2.1	Materiais produzido	22
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS	27
4.1	O TRABALHO COM O ZINE EM SALA DE AULA	27
4.1.1	Potencialidades	28
4.1.2	Dificuldades	29
4.1.3	Avaliando a metodologia de zine como instrumental educacional	30
5	CONCLUSÃO	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A - Formulário de Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines	40
	APÊNDICE B - Blog História Pedagógica	47

1 INTRODUÇÃO

O ensino da História africana, afro-brasileira e indígena no contexto da educação básica é um tema que a muito vem suscitando reflexões. As leis federais - 10.639/2003 e 11.645/2008 - representam um passo significativo na promoção da diversidade cultural e no combate às desigualdades sociais e ao racismo. A institucionalização dessas legislações só foi possível graças à luta dos coletivos e movimentos sociais, que de forma veemente defendiam o direito de que suas histórias fizessem parte do currículo educacional brasileiro. Dessa forma, pensar em Educação Etnico-Racial (ERER) é pensar também nos movimentos de docentes e instituições de ensino, que de forma autônoma protagonizam práticas pedagógicas comprometidas em contrapor uma historicidade moldada pelas práticas hegemônicas e pelos fazeres educacionais eurocêntricos. Observando a esse ângulo, conseguimos perceber em certa medida, a metodologia de “Zines” se apresentando como uma ferramenta pujante, com a capacidade de suprir as demandas postas à educação nesse atual contexto.

A promulgação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB)¹ e instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nas escolas, é um marco fundamental na luta por uma educação antirracista. Essas legislações, para além de determinarem a obrigatoriedade dos conteúdos, propõem transformações mais amplas no campo educacional, incluindo a reformulação curricular de maneira interdisciplinar, a valorização da diversidade cultural, a produção de materiais didáticos adequados e a formação continuada de professores para o trato qualificado das temáticas étnico-raciais. No entanto, mais de duas décadas após sua implementação, ainda observamos a carência de práticas pedagógicas eficazes e engajadas com os princípios da Educação para as Relações étnico-racial.

A hereditariedade legada aos grupos racializados no Brasil, ainda hoje, os mantém nas escalas mais baixas de subalternização social. É possível observar de forma microscópica a constituição de identidades fragilizadas e a ascensão de uma necropolítica em conformidade com a formação do Estado brasileiro. Conceituar raça através de Achille Mbembe nos leva a crer que ela “foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade”, (Mbembe, 2016, p. 128) implicando na dominação e subalternização desse a partir do “outro”. As disputas e interesses que circundam a temática, evidenciam que as desigualdades raciais não são meros

¹ BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

resquícios do passado, mas estruturas continuamente reproduzidas nas relações sociais e consequentemente reproduzidas no ambiente escolar. Oliveira (2022, p. 6) aponta que *“por seu caráter conservador, a escola deixa passar diversos movimentos de violência que são constantemente reproduzidos no cotidiano da instituição”*, sendo necessários movimentos que rompam com esses estigmas e possibilitem uma educação que pense as diferenças de forma positivada.

Observar, em especial, o campo do ensino de História e os desafios estruturais e epistemológicos da 10.639/03 e 11.645/08, nos leva a pensar que se faz necessário não apenas inclusão de novos conteúdos, mas uma revisão crítica das formas de narrar o passado. Essa revisão implica deslocar o olhar do aluno e do professor para outras experiências históricas, reconhecendo sujeitos e temporalidades historicamente silenciadas. Como apontado por Circe Bittencourt (2008), *“Existe uma responsabilidade da narrativa histórica que é diversa daquela de caráter ficcional e não pode ser abolida. E tal responsabilidade existe também no ensino”* (Bittencourt, 2008, p. 143). Isso significa que é necessário adotar práticas pedagógicas que questionem as hierarquias raciais e culturais, aproximem o conhecimento histórico das realidades locais e estimulem o protagonismo dos estudantes como agentes de transformação social.

Observando os referenciais didáticos, estes, ainda representam um limbo entre os interesses privados e as conquistas dos movimentos sociais. Os últimos anos revelaram que o material didático foi o principal alvo de diversas discussões, protagonizadas tanto pela academia e pela sociedade civil (que buscam seus ajustes e atualizações necessárias para contemplar uma camada expressiva da população), quanto por setores mercadológicos e conservadores, que também se mostram interessados nos conteúdos apresentados por esses materiais. Por ser esse um lugar de disputa, se revela a necessidade explícita de se repensar as práticas e os fazeres educacionais, ampliando o lugar do material didático como uma consequência concreta da manipulação intelectual e formativa dos agentes educacionais.

A escolha de material didático é assim uma questão política e torna-se um ponto estratégico que envolve o comprometimento do professor e da comunidade escolar perante a formação do aluno. O material didático, por ser instrumento de trabalho do professor, é igualmente instrumento de trabalho do aluno; nesse sentido, é importante refletir sobre os diferentes tipos de materiais disponíveis e sua relação com o método de ensino. (Bittencourt, 2008, p. 298)

Diante da necessidade de repensar os modos de ensinar e aprender História, docentes engajados vem ressignificando práticas de ensino, e a metodologia com as/os² zines vem se apresentando como uma alternativa metodológica potente. A partir de Sousa (2022)³ conseguimos definir o zine como um material independente, marginal e particularmente ligado às publicações autorais. Tendo sua produção artesanal e de caráter insurgente, é produzida fora dos circuitos editoriais tradicionais, buscando dar visibilidade a vozes, memórias e experiências marginalizadas. Articulando linguagem artística, crítica social e prática educativa, professores e estudantes a partir da metodologia da zine conseguem construir narrativas colaborativas que conectam o conteúdo histórico às vivências cotidianas. É possível, desse ponto, vincular a utilização de zines às práticas da EREER, que a partir do manuseio crítico de temas identitários, raciais e decoloniais, permite tensionar as estruturas de poder ainda presentes nos currículos escolares.

É a partir daqui, que pretendemos estruturar uma reflexão biográfica sobre a *trajetória de desenvolvimento da Educação Etnico-Racial no Brasil e o ensino de História*, perpassando a subárea das *práticas pedagógicas e materiais complementares*, empreendendo a análise do Zine como material paradidático possível para o trabalho com a EREER, e a partir disso, iremos *propor metodologias de trabalho pedagógico*, oferecendo contrapartidas a comunidade e a academia, para o incentivo e fortalecimento de práticas antirracistas e a ampliação do campo da Educação para as Relações Etnico-Raciais no Brasil. Esses pontos de interlocução que influenciam nossas análises, se interconectam através de uma encruzilhada, nosso local posiciona-se frente a essas conexões. O que temos de reflexo é o cenário cotidiano e experiências de intervenção social e educativa, que propõem mobilizar docentes, estudantes e pesquisadores na construção de um ensino de História comprometido com a equidade racial, a valorização das identidades subalternizadas e a produção de novos sentidos para a educação brasileira.

²A nomenclatura "Zine" não está ligada a nenhum padrão de gênero. Sendo posicionado nesse trabalho as formas e dizeres comuns de seus interlocutores.

³ SOUSA, Diego El Khouri. Zine: arte, resistência e ações pedagógicas. 2022. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. (P. 11 - 12)

2 CONTE-ME SUA HISTÓRIA

2.1 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Primeiro, devemos pensar no conceito que relacione a Educação para as Relações Etnico-raciais e suas linhas de interconexões com as práticas complementares produzidas a partir da experiência escolar e o campo da História. Apesar da escassez, que é a realidade da maior parte das escolas brasileiras, a temática vem sendo ressignificada principalmente a partir dos fazeres docentes, nos levando a pensar que o campo da História, em suma, vai primeiro se adequar e criar estratégias de desenvolvimento educacional e didático para o campo das Relações Etnico-Raciais. Rosemberg (2003)⁴ já havia publicizado a falta de interdisciplinarização da temática racial em materiais didáticos, comprovando estatisticamente a presença exclusiva da mesma em referenciais do componente de História, ainda que, por vezes, de forma estereotipada ou construída em moldes padronizados.

Para fazer uma análise crítica sobre a Educação para as Relações Etnico-Racial, poderíamos iniciar com um recorte hodierno, focando única e exclusivamente nas leis de 2003 e 2008, porém o caminho inicial que seguiremos em análise nos exige um regresso a estações mais longínquas. Fazer esse retorno, é necessário para evidenciar que o alicerce da EREER está ancorado não apenas nos marcos legais que visibilizam e obrigam sua aplicabilidade, mas também nas lutas e ações dos movimentos sociais marginalizados, que mesmo em períodos de abandono institucional protagonizaram ao longo da história desse país sua própria ressignificação formativa e a valorização de suas histórias através de práticas sociais sólidas e plurais.

Compreender a educação étnico-racial no Brasil, nos leva a tomarmos como ponto de partida as formulações do *Movimento Negro Educador*. Conceito desenvolvido por Nilma Lino Gomes⁵, onde seu principal objetivo é evidenciar que o movimento negro tem estruturado a luta por emancipação histórica das populações negras desde a chegada da primeira pessoa negra neste território. A ideia que se constrói frente a abordagem da autora ratifica as palavras de

⁴ ROSEMBERG, Fúlvia. BAZILLI, Chirley. SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, Volume: 29, Número: 1, São Paulo, 2003. (P. 129)

⁵ É graduada em Pedagogia e mestra em Educação pela UFMG, além de doutora em Antropologia Social pela USP. Professora da Faculdade de Educação da UFMG e integrante da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN. Ex-reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e ex-Ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPPIR/PR.

Boaventura de Sousa Santos no prefácio de seu livro, onde o autor argumenta que “os movimentos têm um valor epistemológico intrínseco” e produzem “um tipo específico de conhecimento, o conhecimento nascido na luta”. (Gomes, 2027, p. 9)

A Educação por sua vez, vai representar um campo de disputa ideológica frente ao combate de estigmas e preconceitos raciais. Analisamos através da História da educação brasileira, que desde o período colonial, os processos educativos formais foram estruturados para atender aos interesses da elite branca, vinculando o acesso ao saber à lógica da dominação. A partir da população negra, vamos perceber que no Brasil os moldes que formularam a educação escolar assim como “outras instituições sociais, foi colocada na linha de frente como um dos recursos primordiais à consolidação do imaginário nacional na qual se incluía uma imagem de negro como naturalmente inferior.” (Costa; Santos, 2022, p. 9).

Essa lógica, apesar de representar o histórico institucionalizado do país, não anulará jamais os lugares de formação e resistência sistematizados por esse grupo. Silva (2019) afirma que “além de promover seus próprios processos de escolarização, o movimento negro brasileiro reivindicou e continua a reivindicar a inclusão da população negra na escola pública em todos os níveis de ensino” (Silva, 2019, p. 28). A consequência desse movimento gerou a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), encarnadas na 10.639/2003, e mais a frente a partir das reivindicações e lutas do movimento indígena, surge a 11.645/2008. Esse resultado não veio de forma facilitada, e apesar de mais de duas décadas de sua implementação as dificuldades encontradas para sua implementação são evidentes. Silva (2029)⁶ aponta que o desconhecimento do próprio dispositivo legal que implementa a ERER é o principal empecilho para sua efetivação concreta. Ainda sim, a autora destaca que:

O documento oferece caminhos possíveis para que os sistemas de ensino tenham parâmetros e condições de efetivar os preceitos da Lei [...], explicita os princípios orientadores da política educacional e faz recomendações para a formação de professoras e professores, a forma e os conteúdos que devem ser abordados, a necessidade de investimentos em pesquisas, bem como a produção e aquisição de materiais didáticos. (Silva, 2019, p. 31)

Nesse sentido, a partir das leis, o ensino de História deve assumir um papel de reparação e reconstrução dessa memória que é coletiva, e deve possibilitar o reconhecimento das contribuições dos povos africanos, Afro-brasileiros e indígenas na formação desse país. Isso infere na relação estatística de uma população racialmente diversa, buscando representação nos

⁶ SILVA. Claudilene Maria da. A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento: práticas pedagógicas escolares em História e cultura afro-brasileira. CRV, Curitiba 2019. 212p. (P. 30)

diferentes espaços sociais e de poder, e desenvolvendo movimentos de resistência e ressignificação identitária a partir dos parâmetros que instituem e legislam a educação. Em suma, o campo do Ensino de História torna-se um espaço estratégico para a construção de novas epistemologias, e perceber isso é posicionar-se ante o primeiro caminho dessa encruzilhada, levando a crer que o ato de ensinar história ultrapassa os limites das narrativas padronizadas e inaugura movimentos políticos de reparação e afirmação. Compreender as representações sociais e as identidades que emergem do contexto escolar, é um passo significativo para um ensino comprometido com a EREER, pois, como afirma Bittencourt (2008)

As representações sociais devem ser analisadas considerando que os indivíduos são marcados pelo seu grupo social. É preciso que o professor considere esse duplo movimento: o funcionamento de um modo de conhecer individual e sua relação dinâmica com o grupo social do qual o jovem faz parte. [...] Pela sua eficiência como produto, a representação social não pode ser ignorada e deve estar inserida na construção do saber escolar criado e definido no contexto da aprendizagem. (Bittencourt, 2008, p. 236-237)

A partir da necessidade de protagonizar uma educação plural e representativa, como menciona a EREER, as reflexões abordadas nos levaram a priorizar, em análise, uma área específica do ensino, que é a produção e desenvolvimento de materiais pedagógicos complementares. Para compreender os fios que tecem as narrativas apresentadas aqui, devemos compreender que a utilização do material didático não é uma prática meramente corriqueira e sem significado, é sim um instrumento político pedagógico que carrega grande relevância. É por meio desses materiais que se constroem representações, se reafirmam identidades e se abrem possibilidades de existência e valorização de saberes historicamente silenciados. A partir desses materiais a EREER vem galgando espaços significativos no campo educacional, tornando-se não apenas uma diretriz curricular, mas um movimento contínuo de reconstrução das práticas pedagógicas e reformulação dos currículos.

2.2 REPENSANDO MATERIAIS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Nesse sentido, ao refletirmos sobre o lugar e o uso dos materiais pedagógicos no processo educativo, perceberemos que o uso de referenciais didáticos, para além de complementarem a aprendizagem, contribui para o desenvolvimento de habilidades formadoras, guia o aluno e o professor, e, além de incentivar a leitura e a produção, oportuniza momentos de discussão, motivação e reflexão em sala de aula. É pertinente recorreremos às considerações de Circe Bittencourt, que nos adverte que a “variedade de materiais didáticos,

desigualmente distribuídos pelas diferentes escolas do país, torna-se urgente uma reflexão que ultrapasse uma visão apenas pragmática do problema” (Bittencourt, 2008, p. 295). Assim, repensar o papel do material didático implica compreendê-lo como um instrumento político e formativo, cuja elaboração e uso devem estar alinhados ao compromisso com uma educação crítica, inclusiva e socialmente engajada.

Além do cenário de desigualdade na distribuição desses equipamentos, o momento atual nos impõe a reavaliação das práticas educacionais, frente ao surgimento de novas tecnologias. O fazer docente e as práticas de avaliação atualmente vem sendo estimulados a atualizar suas bases constantemente, na tentativa de suprir a celeridade da geração presente no ensino de base no atual contexto. A geração de jovens atualmente, vem constantemente questionando a formulação educacional padronizada. Percebemos através da ótica dos indicadores educacionais fornecidos pelo IBGE⁷, através da lei de proibição do aparelho celular em sala de aula⁸ e pela necessidade de implementação de políticas públicas para reafirmação do aparelho educacional promovido pelo estado, inúmeras contradições que se colocam ao cenário educacional brasileiro. O desafio posto à educação, frente a esse cenário, é a reafirmação dos fazeres pedagógicos e a valorização efetiva da produção científica, a fim de fortalecer o compromisso social e ético da educação no século XXI.

Diante dessas transformações, faz-se necessário repensar também os recursos e suportes utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, os materiais pedagógicos passam a ocupar um papel central, não apenas como instrumentos de transmissão de conteúdo, mas como mediadores culturais capazes de integrar inovação, criticidade e diversidade nos processos formativos, como apontado por Bittencourt (2008), de fato, são “*suportes fundamentais na mediação entre o ensino e a aprendizagem*” (Bittencourt, 2008, p. 295). Dando segmento às nossas ideias, faz-se pertinente a reavaliação dessa produção didática, a fim de fortalecer e ampliar o lugar da ERER nos fazeres escolares e educacionais.

Podemos estruturar os materiais didáticos em dois grandes pólos, tendo ações e funções específicas de formulação e implementação. O primeiro pólo, classificamos os materiais institucionais, geridos através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)⁹, que tem como propósito, a cobertura significativa das instituições vinculadas ao Estado em materiais e produtos educacionais, a fim de implementar uma educação comprometida com o

⁷ Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta. Agência IBGE Notícias, 2025.

⁸ A Lei nº 15.100/2025 proíbe o uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos portáteis em escolas públicas e privadas de todo o Brasil.

⁹ BRASIL. LEI Nº 5.537, de 21 de novembro de 1968.

ensino/aprendizagem. No segundo pólo está estruturado os materiais complementares, em suma, produzidos pelos docentes e instituições de ensino. Comparando os dois pólos apresentados, percebemos que na maior parte do fazer pedagógico, os materiais complementares serão predominantes, e o reconhecimento dessas práticas educacionais incentivam o rompimento do ensino homogêneo.

Ao analisarmos o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), nos deparamos com uma estrutura legal que implementa a distribuição de “*obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica*”¹⁰. Trata-se de um projeto que estrutura uma metodologia de ensino pedagógico nas escolas brasileiras, com o objetivo de complementar e orientar as atividades curriculares das instituições educacionais. Sua estruturação permite um alcance significativo das instituições nacionais; ainda assim, passa por diversas problemáticas em sua prática. É perceptível o desafio da implementação efetiva do programa, gerando diversas contradições ao longo do seu histórico.

Sobre os conteúdos e temáticas abordadas nesses materiais, podemos utilizar o exemplo do ex-presidente Jair Bolsonaro, que, em entrevista, afirmou: “*Os livros hoje em dia, como regra, é um montão, um amontoado... Muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo*”¹¹. As falas do ex-presidente demonstram sua afirmação ideológica de padronizar o conhecimento aos interesses de um determinado grupo hegemônico, que lucra com a desinformação e a alienação das grandes massas. Analisando, em particular os livros didáticos do componente curricular de História, durante o período de ataque à democracia (2017–2022), percebe-se que foi um dos materiais que mais sofreu retaliações relacionadas ao seu conteúdo, o que possivelmente reflete o repúdio desses grupos às histórias dos marginalizados, refletidas e reforçadas pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

A produção dessa literatura didática tem sido objeto de preocupações especiais de autoridades governamentais, e os livros escolares sempre foram avaliados segundo critérios específicos ao longo da história da educação. Os livros de História, particularmente, têm sido vigiados tanto por órgãos nacionais como internacionais. (Bittencourt, 2008, p. 299-300)

Apesar das mudanças significativas geradas durante essas duas últimas décadas “*não estamos em tempos de trégua. Muito pelo contrário, estamos em tempos em que as lutas de classes, antirracista, antipatriarcal ganham outros contornos*”(GOMES, 2020, p. 363). Essa

¹⁰ BRASIL. Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. (p. 01)

¹¹ Livros didáticos atuais são 'lixo', e governo vai 'suavizar' linguagem a partir de 2021, diz Bolsonaro. G1, 2020.

argumentação de Gomes (2020), impacta diretamente na encruzilhada que estamos colocando as nossas reflexões, visto que, a produção padronizada dos referenciais didáticos são a manutenção e estratégia do racismo, a partir do aparelho educacional.

As críticas em relação aos livros didáticos apontam para muitas de suas deficiências de conteúdo, suas lacunas e erros conceituais ou informativos. No entanto, o problema de tais análises reside na concepção de que seja possível existir um livro didático ideal, [...] O livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado. (Bittencourt, 2008, p. 300-301)

Ao que se observa, os padrões educacionais ainda persistem, marcando os referenciais didáticos e os educadores que se mostram distantes dessa ideologia, por vezes, acabam sancionados ou tendo seus trabalhos folclorizados. Gomes (2020) nos orienta que “lutar por direitos e emancipação social no Brasil, de hoje, passa a ser uma ação sob suspeita” (Gomes, 2020, p. 367), isso reflete a má aplicabilidade do aparato legal para gestão da EREER, comprovando a materialidade das práticas racistas que são cotidianamente veladas pela instituição escolar. Silva (2019) em suas discussões teóricas, sobre práticas educacionais e fazeres docentes, contribui conosco, argumentando que é necessário que se façam questionamentos:

Exatamente o questionamento ao modelo único de escola que não mais condiz com a realidade e as necessidades contemporâneas da educação brasileira, nem no campo, nem na cidade. Todavia, as novas exigências, ao trabalho docente e entre elas o trato político e pedagógico da diversidade, ainda assustam e incomodam docentes e outros profissionais da educação que habitualmente foram preparados para lidar com a igualdade e não com a diferença. (Silva, 2019, p. 34)

Compreendendo essas fragilidades e lacunas, reforçamos a necessidade de incentivar práticas pedagógicas comprometidas com o ensino da EREER, que estejam pautadas em mudanças significativas e que empreendam a dissolução dos estigmas raciais. Refletir sobre os materiais de ensino é refletir também sobre o protagonismo docente e sobre como a produção pedagógica pode se tornar espaço de resistência e inovação frente à padronização das práticas educacionais. A produção de materiais pedagógicos deve ser reconhecida como parte importante do fazer docente, e seu caráter deve levar em consideração a realidade e vivência dos diferentes sujeitos a fim de ser de fato um material transformador. É perceptível que nos últimos anos várias produções nasceram, representando uma ferramenta na transmissão dos conhecimentos locais, e inaugurando um elevado protagonismo estudantil. É nessa frente, que

iremos apresentar a metodologia de zine como um recurso potente e desafiador para o trabalho docente e o ensino da EREER a partir de relatos de experiência.

3 OUÇA MINHA HISTÓRIA

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ZINE

Para contextualizar nossas narrativas, afinal o que é um zine? O zine é uma publicação independente, geralmente de pequena tiragem, produzida de forma artesanal ou digital, que nasce do desejo de expressão e da necessidade de comunicar ideias fora dos circuitos editoriais convencionais. Sua metodologia não segue um padrão fixo ou definido, sua estética flerta com as mais diversas expressões textuais e artísticas, e devido principalmente a sua facilidade de produção, qualquer um que se predisponha a fazer um zine, o fará. Apesar disso, Magalhães (1993) adverte que, “a realização de um bom fanzine exige muita dedicação e uma razoável compreensão do processo editorial, que envolve suas etapas” (Magalhães, 1993, p. 62), acrescentando ainda que:

Mesmo sendo publicações amadoras e de alcance limitado, algumas referências são imprescindíveis à edição dos fanzines, como o nome dos responsáveis, o número, a data, o endereço, os colaboradores. Pode-se acrescentar ainda o tipo de impressão e o número de exemplares editados. Esses dados, além de enriquecer o fanzine em nível de informações, são essenciais para quem se interessar em estudar o desenvolvimento dessas publicações. Cada fanzine lançado é um documento, por mais simples que ele seja. (Magalhães, 1993, p. 63)

Historicamente os zines apontam para o início do século XX, onde sua principal estrutura está ligada aos clubes de fãs dos Estados Unidos. O termo na verdade deriva de “fanzine”, “*que têm sua origem terminológica na junção das palavras fanatic (fãs) magazines (revistas)*”, segundo Lima (2019, p. 43). Essas publicações independentes serviam na verdade como forma de compartilhamento de ideias entre os clubes de fãs, inicialmente de ficção científica, expandindo-se entre os fãs de bandas, cinema, poesia, quadrinhos etc. Foi cunhado a primeira vez na década de 1940 por *Louis Russell Chauvenet*¹², muito embora pesquisadores reconheçam sua circulação e uso, anterior a data de patente do termo. Até 1970, essas pequenas literaturas mantiveram seu caráter inicial, circulando entre os grupos de fãs, até expandir-se entre os movimentos contracultura, e se tornar um símbolo do DIY - “Faça você mesmo”.

Certamente o embrião disso que é cunhado atualmente como zine, surgiu no século XIX relacionada principalmente à expansão da imprensa de pequeno porte e das tipografias portáteis. É nesse período que emergiram formas de publicações artesanais e autônomas em

¹² É considerado um campeão amador e especialista em xadrez americano. Foi um dos fundadores do SF Fandom e do The Stranger Club de Boston, e a partir dele o termo Fanzine foi cunhado pela primeira vez.

diversos lugares do mundo, produzidas fora dos grandes centros editoriais. Panfletos, boletins, jornais operários e de temáticas raciais, periódicos anarquistas, revistas de arte e folhetins literários no século XIX, já anunciavam a efervescência que caracterizaria o zine no século subsequente. No final do século XX, os fanzines já haviam se expandido de forma considerável, chegando ao seu auge de reproduções, mas sua associação a diferentes movimentos, ressignificou seu caráter de utilização e circulação, que segundo Souza (2022, p. 10) é “*quando essa linguagem deixa de ser a visão de um mero fã para se tornar produção criativa e autoral*”. Vai ser o movimento Punk o responsável pela ampla disseminação desta metodologia a partir desse caráter, inclusive, influenciando fortemente o Brasil nas décadas de 1980 e 1990.

Além dos movimentos contracultura, os fanzines foram fortemente incorporados por movimentos artísticos e de ativismo social, como o movimento feminista, LGBTQIA+, e movimentos raciais como o indígena e negro. Correlacionar os fanzines a movimentos de subversão, nos estimula a levantar de forma breve uma discussão que circula entre os estudiosos da temática e justifica a desassociação do termo “fanzine”. A Professora *Jeanne Schepher*¹³, no tópico “*Zines as Cultural Critique*” em discussão crítica sobre os usos pedagógicos com a metodologia de zine, em seu artigo “*Zine Pedagogies: Students as Critical Makers*” (2023), reafirma o lugar do zine como lugar de contestação, advertindo que mesmo com esse caráter, as zines vão historicamente representar grupos brancos dominantes. De forma sutil, Guimarães (2020) também denuncia essa contestação, fundamentada na patente do termo.

Consideram Fanzine somente a publicação que traz textos, informações, matérias sobre algum assunto. Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada Revista Alternativa. No entanto, o termo Fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto focado. (Guimarães, 2020, p. 9-10)

A partir disso, tornou-se unânime entre pesquisadores e zineiros contemporâneos a dissociação do termo, passando a estar caracterizado segundo, exemplifica Sousa (2022). “*Fanzine é publicação de fãs sobre algum tema, já zine tem uma ligação mais profunda com a produção autoral. Ambas são publicadas de forma independente e distribuída através de xerox de mão e mão ou/e via correio*” (Sousa, 2022, p. 12). Essa diferenciação reforça a ideia do zine enquanto espaço de autoria, crítica e criação coletiva, descolando-o de uma lógica meramente

¹³ Professora Associada do Departamento de Estudos de Gênero e Sexualidade da Universidade da Califórnia. Possui Doutorado em Literatura Inglesa com Ênfase em Estudos Feministas pela Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.

de *fandom*¹⁴ e aproximando-o das práticas de resistência e afirmação identitária. Apesar dessa desassociação recente, muitos zineiros ainda continuam a utilizar a nomenclatura primária, e isso não anula de forma alguma a associação do caráter desses materiais.

A transição do século XX para o XXI também gerou mudanças significativas para a estrutura ideológica desse aparelho de publicação aqui no país. Com as crises econômicas da década de 1980, a circulação de zines quase chegou a extinção na década de 1990, perdendo grande parte de seu fluxo editorial. Apesar de sua decadência nos anos 90, esse também vai ser o período em que mais se discute sobre o termo em territórios formais. Surgem nesse período várias *fanzinotecas*¹⁵ e associações ligadas à busca de novos caminhos para o gênero, encontros e congressos sobre o material começam a ser organizados de forma periódica, coletivos começam a ampliar seu repertório a fim de expandir o público leitor e superar o peso do mercado financeiro, produtores começam a pesquisar de forma acadêmica esse material, buscando suas narrativas históricas e definindo seus usos (Magalhães, 1993, p. 50-61). Apesar do movimento desempenhado nesse período, o “boom” tecnológico dos anos 2000 reelaborou quase que de forma total os moldes convencionais de se fazer zine.

Nos anos 2000, com o advento da expansão das tecnologias digitais, a metodologia de zines passou por uma transição significativa, seu caráter artesanal e impresso começou a dialogar em outras frentes de comunicação. Apesar da transição abrupta, essa metodologia não deixou de ser uma opção para aqueles que enxergam no zine um instrumento de insurgência e de produção de contranarrativas. Com o avanço das mídias digitais, começam a surgir também os *e-zines* ou *webzines*, versões virtuais que mantêm o caráter autoral e independente, mas exploram novos formatos, como blogs, revistas online e plataformas colaborativas (Zavam, 2007). Essa ampliação de suportes redefiniu o modo de produção e circulação do conhecimento, tornando o zine um espaço ainda mais dinâmico na criação e compartilhamento de ideias, nos levando a definir que, os mesmos *“não ficaram alheios ao nascimento de uma nova forma de elaborar e se expressar pela linguagem no fluxo da era digital e têm usado esses instrumentos de tecnologia no seu cotidiano de resistir para existir”* (Lacerda, 2021, p. 215).

Nesse contexto, seu uso passa a ser incorporado fortemente por educadores e instituições de ensino como uma ferramenta pedagógica capaz de integrar arte, escrita e pensamento crítico. Em concordância com Pinto (2013), a inserção do zine no campo educacional ressignifica sua função original de resistência e o transforma em um recurso potente de mediação cultural,

¹⁴ Um *fandom* é uma subcultura composta por fãs, caracterizada por um sentimento de camaradagem com outros que compartilham um interesse comum.

¹⁵ Termo utilizado para denominar uma biblioteca de fanzines.

expressão identitária e produção de saberes. Nossas experiências, aqui expostas, e as narrativas do autor, comprovam o quanto “*alguns educadores têm se convencido do quanto o fanzine tem a favorecer na aprendizagem e na melhora da autoestima de seus alunos*” (Pinto, 2013, p. 14). Assim, o presente estudo teve como principal objetivo compreender e refletir sobre o potencial pedagógico do zine como metodologia ativa, analisando suas possibilidades de aplicação no ensino e na formação crítica para o trabalho com a EREER.

3.2 UM BREVE RELATO NESSA HISTÓRIA

Falar de práticas pedagógicas a partir do uso das zines, nos leva a expor em *relato de experiência*¹⁶, algumas das vivências estruturadas a partir do coletivo “*História Pedagógica*”¹⁷ e de seu interlocutor Isaque de J. Oliveira. O real gerador deste trabalho, é o compartilhamento das práticas organizadas e desenvolvidas através desses agentes, que estruturarão e definirão o curso dessas ações, que conseguiram ver a possibilidade de se trabalhar com o Ensino para as Relações Étnico-Raciais (ERER) a partir das zines e que acima destes, vem insistindo em projetar uma *educação libertadora*¹⁸, crítica e comprometida com a transformação social. Essa transcrição, será feita a partir das narrativas de construção dos próprios materiais, comprovando suas atuações e inserções no ambiente escolar, além de validá-los como uma encruzilhada conectada ao trabalho docente e a EREER.

Para contextualizar nossas narrativas, “*História Pedagógica*” é um projeto literário que nasceu em 2023 com o propósito de valorizar narrativas étnico-raciais a partir da produção de materiais pedagógicos. A proposta surgiu como estratégia de resistência crítica à ausência de aparelhos educacionais que cumprissem de fato com o previsto pelas legislações, assim o projeto assumiu a missão de contribuir para um ensino-aprendizagem que rompesse com estigmas e preconceitos historicamente enraizados e reforçados pelo aparelho educacional. Desde a sua criação, o projeto vem organizando ações em São Francisco do Conde na Bahia, e cidades circunvizinhas, articulando a produção de materiais pedagógicos a execução de atividades em âmbito escolar.

¹⁶ Orientação Relato de Experiência. Portal [GOV.br](https://gov.br), 2025.

¹⁷ OLIVEIRA, Isaque de Jesus. Sobre o História Pedagógica. História Pedagógica, 2025.

¹⁸ FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 157 p. 1967.

3.2.1 Materiais produzido

A “*Revista Maria Felipa: O Zine Informativo CPM FPO*”, foi a primeira produção do História Pedagógica. A tiragem foi estruturada a partir das minhas experiências de estágio, quando bolsista do programa “*Partiu Estágio*”¹⁹, sendo alocado no Colégio da Polícia Militar Francisco Pedro de Oliveira (CPM FPO), na cidade de Candeias- Ba, e que culminou na produção de quatro edições correspondente à temáticas sobre as populações afro-indígenas. A primeira, sendo uma biografia da Maria Felipa, heroína na luta de Independência do Brasil na Bahia, e que nomeia a tiragem, a segunda sobre os povos Indígenas, em sequência sobre o 13 de maio, e finalizando com a edição sobre os países lusófonos e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Essa tiragem de Zines, surgiu para ser um material informativo, distribuído livremente na escola, mas se manteve restrito a atividades exclusivas em sala de aula. É um potente material pedagógico e é possível ver a partir dele a mudança significativa do perfil de produção.

Imagem 1 e 2 - Tiragem “Maria Felipa”



Fonte: arquivo pessoal.

O segundo material produzido foram os zines “*Cartas Abertas*”, cuja produção teve como referência o 25 de julho: Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Essa tiragem teve como abordagem, uma perspectiva histórica e biográfica, referenciando personagens femininas significativas para o movimento de luta e independência da população negra. Foram selecionadas seis referências, e sobre suas narrativas desenvolvemos o material com um cunho poético/literário, onde as mesmas contam suas histórias e visibilizam o 25 de julho a partir de suas experiências. Selecionamos as referências, Elza Soares, Marielle Franco,

¹⁹ Visa garantir acesso e oportunidade de estágio a estudantes universitários de instituições estaduais, federais e privadas com sede/polo no Estado da Bahia.

Carolina Maria de Jesus, Luiza Mahin, Rainha Nzinga e Maria Felipa. Cada um desses zines é como uma carta, é a história aberta e escancarada dessas personagens. Entre os zines que já foram produzidos, a tiragem “Cartas Abertas”, é a que vem demonstrando ser a de maior impacto socioeducacional, as diversas ações que foram realizadas com o material, geram resultados significativos, demonstrando ser um material possível tanto para o apoio paradidático como para iniciativas sociais, além de ser um material que torna urgente a discussão da temática.

Imagem 3 - Tiragem “Cartas Abertas”



Fonte: arquivo pessoal.

Imagens 4 e 5 - Projeto Pedagógico “Cartas Abertas” 2024



Fonte: arquivo TV Malês²⁰

Essa tiragem também foi elaborada em 2023, e desde então está sendo desenvolvida. Seu objetivo inicial foi apoiar o desenvolvimento de oficinas no Instituto Municipal Luiz Viana Neto (IMLVN), a partir do “*Programa Residência Pedagógica (PRP)*”²¹, tivemos resultados

²⁰ Cartas abertas (visita de estudantes da escola Martinho Sales Brasil). OBE TV, 2024.

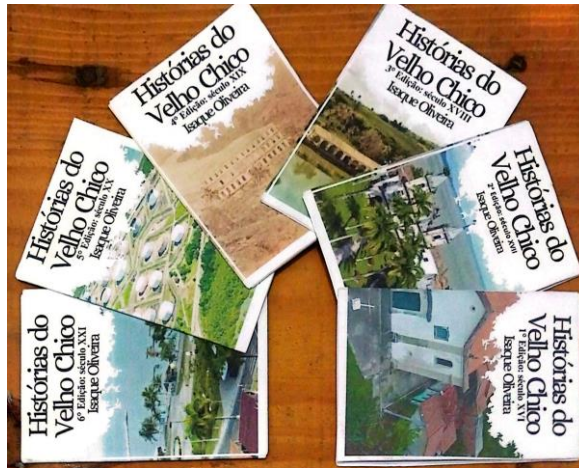
²¹ É um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura.

significativos e que podem ser analisados no sétimo artigo da edição “*Experiências Formativas, Investigativas e Colaborativas do Programa Residência Pedagógica - Unilab*”²² (2024). Em julho de 2024 retornamos com o projeto conectando o Colégio Estadual de Tempo Integral Martinho Salles Brasil (CEMSB), em São Francisco do Conde-Ba, e a UNILAB - Campus dos Malês. Recepcionando os alunos no Campus, introduzimos a temática através da elaboração de várias oficinas e rodas de conversas, o material foi distribuído em larga escala e através dessa ação, positivamos as experiências vivenciadas pelos educandos do CEMS, a partir da relevância do tema. 2025, retornamos com o material para o IMLVN em ministração de oficinas e a partir dele estimulamos os educandos a pensarem em mulheres negras que representassem um lugar de destaque na vida e formação desses indivíduos, o resultado foi a apresentação majoritária de suas próprias familiares.

Em 2024 elaboramos a tiragem “*Histórias do Velho Chico*”. Optamos por referenciar nelas fatos e narrativas do município de São Francisco do Conde, a partir de um olhar do povo sobre suas próprias histórias. Não foi abandonado o trabalho bibliográfico, mas foi as narrativas orais a fonte prioritária, sendo um diferencial da produção. Cada edição do zine aborda um século específico, proporcionando uma visão detalhada e cronológica da evolução histórica da região. Captamos as narrativas históricas dos diferentes séculos e compilamos respectivamente em cada zine, correspondendo ao volume de seis edições. Abordamos diferentes fatos, como a fundação do município, o período da produção de cana-de-açúcar na região, os acontecimentos políticos de importância nacional como o 2 de julho, a Fundação da Refinaria Mataripe, e principalmente as narrativas populares como marcador para a produção do material, valorizando as identidades negras do município. Produzindo esse material pretendemos que acima de tudo, fosse um aparelho pedagógico, em que as escolas de São Francisco do Conde pudessem acessar e trabalhar com os educandos.

²² CERQUEIRA, Alan Costa *et al.* Experiências do Programa Residência Pedagógica em História no Instituto Municipal Luiz Viana Neto. p. 96 - 116, 2024. Experiências formativas, investigativas e colaborativas do Programa Residência Pedagógica - UNILAB [recurso eletrônico]. 539 p. Fi, Cachoeirinha - RS, 2024.

Imagem 6 - Tiragem “Histórias do Velho Chico”



Fonte: arquivo pessoal.

O “*Insurgências Negras das Américas*” é outro material pedagógico complementar que surge das experiências de seus interlocutores, e que compila e sistematiza diferentes movimentos insurgentes da América entre os séculos XVI e XIX. O objetivo central foi elaborar um material que apoiasse o Ensino de História da América, apresentando diferentes movimentos protagonizados pela população negra no continente, e que pudesse responder a demandas urgentes. Entre as quais destacamos: (1) suprir, ainda que de maneira introdutória, a carência de informações sobre os movimentos de pessoas negras no continente americano no contexto escolar de educação básica; (2) evidenciar as múltiplas formas de resistência protagonizadas por populações africanas e afrodescendentes na formação histórica do continente; e (3) valorizar a Lei 10.639/2003 como fio condutor de uma prática educativa orientada pela perspectiva de uma educação antirracista. Essa zine apoia principalmente o trabalho docente, e se apresenta como recurso pioneiro em relação à abordagem para sala de aula.

Outros materiais também foram surgindo ao longo do processo, como os Zines “*Contando Minha História*”. Material produzido primeiramente em referência ao Dia da Consciência Negra, a Zumbi, Dandara e aos Palmares. Sendo esse projeto uma iniciativa pedagógica de produção e contação de narrativas históricas afro-brasileiras, culminando em uma Oficina no IMLVN em São Francisco do conde, e na Escola Municipal Yêda Barradas Carneiro em Candeias. Posteriormente esse material se transformou em uma atividade curricular do componente de geografia, abordando a temática da Regionalização do Brasil. A nível literário, temos desenvolvido a partir da publicação em zine alguns contos, como o “*Kianda e Yemanjá*”, premiado pelo I Concurso Literário da UNILAB, perfazendo a segunda

posição entre os colocados, e também o conto “*A criação de Ndulu e Malembe*”, ambos com características de produção negra afro-brasileira, com classificação etária infanto-juvenil.

Imagem 7 - Zine grampeado *Insurgências Negras das Américas* e *Kianda e Yemanjá*



Fonte: arquivo pessoal.

O “História Pedagógica”, também vem contabilizando outras produções a nível formativo, artístico e digital, e a partir do trabalho social e coletivo, tem estruturado suas bases para cumprir seu caráter norteador de romper com estigmas e estereótipos raciais a partir de atividades pedagógicas. Ao transitar entre o campo escolar, a comunidade e a universidade, minhas produções a partir do História Pedagógica, reafirmam o poder transformador do fazer pedagógico, pautado na escuta, na memória e na criação coletiva. Dessa forma, posicionamos as zines não unicamente como um material pedagógico, mas como uma estratégia. Demonstrar essas ideias é mostrar que práticas engajadas transformam o caráter das zines, deixando de ser apenas produções impressas para se tornarem ferramentas de resistência e reconstrução histórica, abrindo caminhos para uma educação mais plural, crítica e comprometida com a emancipação dos sujeitos.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 O TRABALHO COM O ZINE EM SALA DE AULA

Nas últimas décadas, a utilização de zines e fanzines como recurso pedagógico vem se consolidado como uma metodologia criativa e possível para o campo educacional. Seu caráter de prática marginal e de expressão artístico política, vem sendo ressignificado, e o zine atualmente passou a ser reconhecido como um instrumento potente de ensino e aprendizagem. É possível observar essa metodologia sendo utilizada em diferentes áreas do conhecimento e modalidades de ensino e pesquisas, como a de Penteado (2005)²³, que já apontava, no início dos anos 2000, que o fanzine representava uma forma legítima de expressão cultural entre jovens de periferias urbanas, e apontou a necessidade de ampliar o espaço da escola para narrar a voz e a autoria dos estudantes. Essa perspectiva foi reproduzida e aprofundada por outros trabalhos, como o de Nascimento (2010), que viu nos zines uma possibilidade de associar saberes, práticas e narrativas em um espaço de invenção e resistência, articulando as “artes de dizer e pedagogias de fazer”²⁴.

Com o passar dos anos, as pedagogias com o zine foram sendo adaptadas e utilizadas por professores de diferentes componentes curriculares. Como mostram as experiências de Ribeiro, Costa e Silva (2021), que utilizou o zine como metodologia ativa e prática avaliativa no ensino de Geografia, de Silva e Alves (2018) que utilizou a metodologia de zines para captar narrativas de vida na educação de jovens e adultos da região metropolitana do Recife para o ensino de Arte, e de Pinto (2015) que discute expressão corporal e criatividade a partir de uma perspectiva crítica da Educação Física, conseguimos perceber o potencial do caráter interdisciplinar e pedagógico desses materiais. Além de suas possibilidades criativas, a academia vem reconhecendo o zine como um instrumento educativo capaz de possibilitar práticas emancipadoras, o que se torna eixo estruturante das nossas abordagens e tema pesquisado também por Leite (2021)²⁵, ao propor o ensino da História a partir de um zine

²³ PENTEADO, Hildebrando Cesario. Fanzine: expressão cultural de jovens em uma escola da periferia de São Paulo. 2005. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

²⁴ NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. Pedagogizando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

²⁵ LEITE, Christian Arnold. Ensinando outras histórias sobre a Casa da Feitoria Velha através de um zine: uma proposta de educação das relações étnico-raciais no ensino de História em São Leopoldo – RS. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Ensino de História. Porto Alegre - RS, 2021.

voltado à Casa da Feitoria Velha, no Rio Grande do Sul, tomando a educação das relações étnico-raciais como abordagem estruturante.

Essas variadas possibilidades de usos, revela o quanto o zine se tornou um apoio pedagógico acessível, dando palco para a autoria, a produção de pensamento crítico e o protagonismo estudantil. É nesse contexto, que o trabalho desenvolvido pelo História Pedagógica vem se colocando como uma experiência inovadora e comprometida, formulando atividades capazes de integrar práticas educativas potencialmente antirracista para manipulação de discentes e docentes em contexto escolar. Em oposição a outras propostas, que exploram o zine integrado em perspectivas disciplinares ou interdisciplinar, o projeto assume o desafio de articular a base metodológica do zine diretamente à Educação das Relações Étnico-Raciais, propondo caminhos que integram produção cultural, prática historiográfica e ação pedagógica.

A partir dessas práticas, em 2025 o projeto veio desenvolvendo oficinas junto ao Curso de Aperfeiçoamento em Educação das Relações Étnico-Raciais, oferecido pela UNILAB, a docentes das redes de ensino na Bahia. Propomos, a partir do zine, a articulação desse material empregado na prática educacional dos cursistas, possibilitando subsídios suficientes para reprodução e formulação de projetos empregados às práticas da EREER. Oferecemos não apenas oficinas a nível formativo nesse curso para professores, mediamos a formulação de uma prática educacional capaz de nutrir uma educação verdadeiramente plural e emancipatória. A partir de então, traremos à luz desse trabalho alguns depoimentos adquiridos dos cursistas, vamos identificar impressões significativas, formuladas através da oficina, que expressam as potencialidades e dificuldades em se trabalhar com o zine em sala de aula. A seguir, iremos expor uma seleção de narrativas, sobre a manipulação do material. Todos os depoimentos são inteiramente verídicos, mas os nomes referidos são fictícios, mantendo a integridade e sigilo dos entrevistados.

4.1.1 Potencialidades

- *“A formação sobre zines ampliou minhas possibilidades de trabalho pedagógico na Educação Física, entendi que o zine é uma ferramenta potente para unir movimento, arte e reflexão. Eu pretendo desenvolver com meus alunos publicações sobre jogos do pátio, brincadeiras tradicionais, esportes e expressões corporais, valorizando a cultura local e o protagonismo estudantil. Essa metodologia é simples, criativa e promove um aprendizado significativo e participativo” (Prof. Afia - Entrevistadx 01)*

- *“A atividade foi feita com alunos do 4º ano do EF I. Os alunos foram orientados a produzir um zine que sintetizasse o que foi estudado em sala de aula (colorismo e racismo estrutural e recreativo) ou uma das leituras que foram trabalhadas (Amoras de Emicida e O mundo no Black Power de Tayó de Kiusam de Oliveira). Depois que eles produziram, foi feita a correção e sugerido ajustes para que eles entregassem a versão final. [...] Foi uma experiência além da expectativa.”* (Prof. Ama - Entrevistadx 02)
- *“É uma oficina bastante criativa e independente da condição dos alunos PCDS, eles terão suas competências e habilidades para desenvolver atividades com o Zines. Será um trabalho que necessitará de paciência e entender que mesmo os alunos tendo suas condições, e limitações, farão do jeito deles. O importante é construir. Será um grande desafio.”* (Prof. Abena - Entrevistadx 03)
- *“Acredito que seja bastante relevante a maneira de se contar e construir histórias através dessa oficina.”* (Prof. Adwoa - Entrevistadx 04)

4.1.2 Dificuldades

- *“Tempo reduzido para todas as etapas (planejamento, produção e finalização) , a necessidade de apoio com materiais (papel, cola, revistas, impressões).”* (Prof. Afia - Entrevistado 1)
- *“Os alunos tiveram um pouco de dificuldade em fazer as dobraduras alinhadas.”* (Prof. Ama - Entrevistadx 02)
- *“Trabalho com PCDS, então, para mim será um desafio.”* (Prof. Abena - Entrevistadx 03)
- *“Algumas crianças ainda com dificuldades em dobrar, mas tudo no tempo delas.”* (Prof. Adwoa - Entrevistadx 04)

Essas narrativas são a prova externa do funcionamento significativo que o desenvolvimento dessa metodologia em sala pode causar. Lidar com as dificuldades e

potencialidades deste material, faz-se necessário para ampliarmos nosso lugar dentro do fazer docente ao manipular a metodologia. É unânime a percepção desse instrumento como um agente de transformação, e possibilitar um instrumental como esse para os educadores é de fato um ato político. Citando novamente a professora Jeanne Scheper (2023), vamos observar em suas narrativas e relatos do trabalho com zine na formação de graduandos, que a autora, posiciona o ato de fazer zine, como um processo formativo que modifica a hierarquia entre saber e fazer, ampliando a compreensão ao tratar o zine como uma forma de crítica cultural e como prática de produção de conhecimento. Essa compreensão amplia o objetivo gerado pelo trabalho que estamos fazendo a partir do curso de formação da ERER, localiza o zine como prática libertadora e um caminho trilhável, capaz de fortalecer o trabalho docente.

4.1.3 Avaliando a metodologia de zine como instrumental educacional

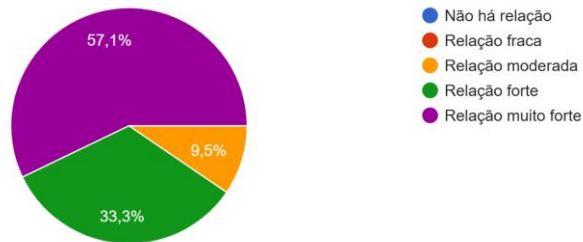
Expor os resultados obtidos a partir desta pesquisa, válida as narrativas que articulamos até então, e fundamentado na trajetória percorrida pela História Pedagógica e pelas entrevistas que conseguimos obter dos docentes cursistas da formação ERER, faz-se necessários a manipulação desses resultados para a avaliação coletiva. A seguir, iremos apresentar esses resultados e gerar uma discussão qualitativa sobre o quantitativo adquirido com essas entrevistas.

A ministração da oficina, junto a formação ERER, foi realizada para cinco turmas de docentes. A ementa da oficina propôs o desenvolvimento de metodologias de produção e aplicação de zines para a sala de aula, contextualização histórica, manipulação da temática Étnico-Racial através do material, e para fixação, realizamos a produção criativa de zines. Ao final das Oficinas, aplicamos o formulário de “*Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines*”²⁶, para que os docentes expressassem suas impressões sobre o trabalho que foi desenvolvido. Obtivemos o resultado de 21 respostas, e o produto dessa avaliação vai nos ajudar na compreensão básica da manipulação da temática em sala de aula, possibilitando identificar de que maneira os educadores perceberam o zine como instrumento pedagógico e suas potencialidades para o ensino da ERER.

²⁶ Modelo disponível nos Apêndices.

Gráfico 1 - Resultado adquirido a partir da Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines

Como avalia a relação do zine com a Educação para as Relações Étnico-Raciais ?
21 respostas

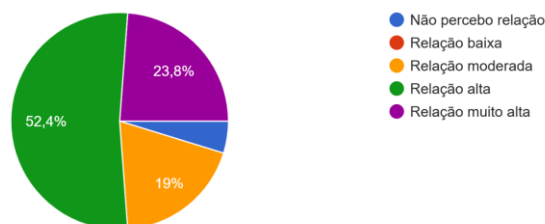


Fonte: elaborado pelo autor.

Na ministração das oficinas, tivemos o cuidado de articular uma ementa que pudesse dar conta de questões relacionadas de fato ao desenvolvimento formativo a partir da produção de zines. Analisando os gráficos presentes nas imagens, perceberemos as encruzilhadas que perpassam o desenvolvimento da temática. Ao analisarmos a *Imagem 8*, identificamos um percentual majoritário concordando que o zine tem relação ativa com a ERER. Esse percentual não reflete apenas a aplicação da oficina mais a própria possibilidade de manipulação do material para emancipação dos sujeitos, a sua relação histórica com grupos de subversão e a capacidade que o mesmo tem para moldar identidades. Esse resultado reflete também, a forte interação que esses docentes tiveram com a possibilidade de um facilitador educacional e a apresentação de resultados concretos, adquiridos através do História Pedagógica.

Gráfico 2 - Resultado adquirido a partir da Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines

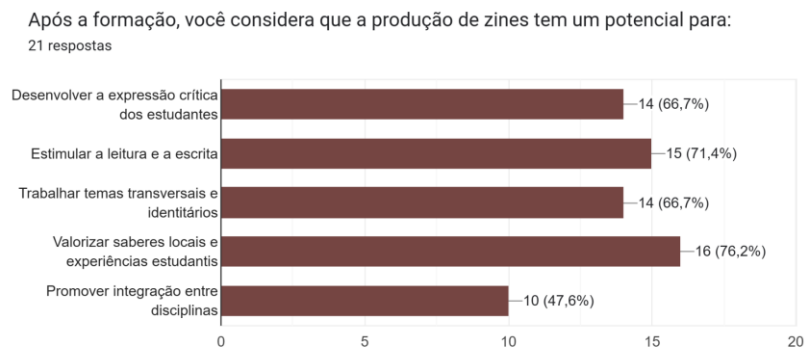
Em que medida a experiência com zines dialoga com as competências da BNCC para sua área de atuação?
21 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Confrontamos também esses educadores a refletir sobre as competências da BNCC para seus componentes através desse material. Observando a *Imagem 9*, apenas 4,8% dos entrevistados declararam não perceber relação alguma entre os agentes correspondentes, sendo possível posicionar o zine como um material altamente moldável e interativo para as diferentes áreas de atuação. Além disso, entre as propriedades do zine, percebemos que a capacidade de valorizar saberes locais e a experiência estudantil está entre a principal percepção dos cursistas, dado visível através do gráfico apresentado na *Imagem 10*. Esses resultados nos ajudam a perceber o quanto essa possibilidade dialoga com a produção didática e acadêmica do fazer docente, é um testemunho que o zine, enquanto recurso didático, dialoga de forma efetiva com as competências gerais e específicas da BNCC, sobretudo no que tange à formação integral do estudante.

Gráfico 3 - Resultado adquirido a partir da Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines



Fonte: elaborado pelo autor.

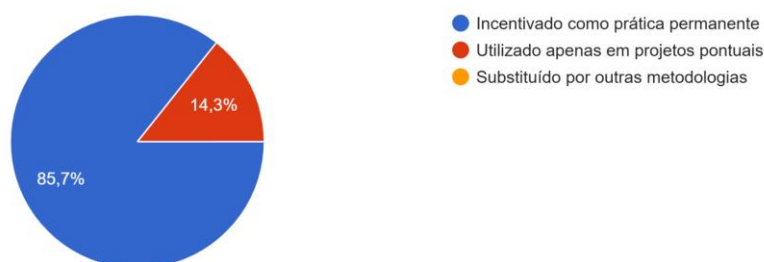
Contextualizando todas essas informações apresentadas, nos deparamos com um material ainda ascendente no meio educacional e que estimula de forma muito intrínseca os docentes. 85,7% dos cursistas afirmaram que o zine deve ser incentivado como prática permanente (*Imagem 11*), e com toda certeza isso deveria ser pensado em larga medida, incentivando as próprias instituições a produzirem suas ferramentas didáticas. Ampliar essa metodologia para ambientes educacionais está imbricado no que Lacerda (2021) tenta articular em suas discussões, que “a inclusão dos fanzines no ambiente educacional requer protocolos legais²⁷”.

²⁷ LACERDA, Carlos de Brito. Fanzines educacionais: uma possibilidade concreta na educação ou uma blasfêmia no meio fanzineiro?. Dossiê FANZINES, ARTEZINES E BIOGRAFCZINES publicações mutantes. Coleção Desenrêdos, volume 14, 433 p, Goiânia, 2021. (p. 221 - 223)

Gráfico 4 - Resultado adquirido a partir da Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines

Em sua opinião, o uso dos zines como ferramenta pedagógica deve ser:

21 respostas



Fonte: elaborado pelo autor.

Tornar esse material um registro legal, valoriza o trabalho de produção e pesquisa necessário para o resultado de um bom zine, e que será necessário para o desenvolvimento dentro das instituições. Quem sabe o zine futuramente se torne o canal direto de interlocução da escola com a comunidade, mas o momento atual pede para que possamos ampliar seus usos e possibilitar produções efetivas na prática docente, compreender o zine em sala de aula é reconhecer sua potência educativa, estética e política, mais do que um produto final, ele é um processo.

5 CONCLUSÃO

Dar a luz a essas narrativas através de relatos de experiências, é com certeza, pra esse trabalho teórico o nó que ligou os pontos da nossa encruzilhada. Passar por esse atravessamento de ideias, nos provoca vários questionamentos que, certamente serão sanados em instâncias futuras, mas a relevância que pontuamos na conclusão deste trabalho, reafirma o potencial transformador que tem a metodologia de zines, e o posiciona de fato como um ação política e didática. Narramos relatos verídicos que são o testemunho da inauguração de um movimento com potencial transformador enorme e que vem orientando práticas pedagógicas a partir de seu desenvolvimento em âmbito educacional. A catalogação dessa metodologia como agência de transformação, faz-se necessário, a partir do que Bispo (2015) posiciona em suas narrativas, que *“O presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro”* (P. 19), nos levando a pensar que o zine vai ser essa ponte entre as memórias ancestrais e as urgências atuais de um fazer educacional antirracista.

Em tempo, o percurso investigativo que seguimos permitiu reconhecer a partir de Silva (2019) e Gomes (2020) que, embora as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 representem avanços inquestionáveis para o campo da EREER, ainda há lacunas significativas em sua efetivação. Observamos sobretudo no que diz respeito à formação docente e à produção de materiais didáticos essa fragilidade escancarada em relação à perspectiva da EREER. Nesse contexto, apresentamos o zine como uma alternativa metodológica que propõe o diálogo entre o conhecimento científico e o saber popular, posicionando aos diferentes sujeitos envolvidos a autonomia na produção de conhecimento. O História Pedagógica nessas narrativas foi o agente interlocutor da ação que articula o fazer pedagógico as práticas da EREER, e trazer as produções e os relatos foi o código mediador do fazer científico colocado em nossa encruzilhada.

Conclui-se que, a manipulação dessas práticas é um elemento contínuo vinculado a um fazer pedagógico comprometido com as narrativas da educação antirracista. Introduzir essas práticas com a complexidade colocada é firmar um compromisso com uma educação representativa, fora dos padrões reguladores do caráter educacional. Firmamos esse compromisso, posta a urgência dessa educação libertadora, e convidamos nessas narrativas, aos leitores a repensarem suas práticas sociais e educacionais, a fim de produzir verdadeiramente uma educação comprometida com o desenvolvimento de sujeitos livres dos aprisionamentos sociais e formativos do nosso país.

REFERÊNCIAS

BELLO, Luiz. Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta. **Agência IBGE Notícias**, 2025. Disponível em:

R<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta>. Acesso em: 10/2025

BISPO, Antônio santos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. INCT. Brasília, 2015.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2 ed. Cortez, São Paulo, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10/2025.

BRASIL. LEI Nº 5.537, de 21 de novembro de 1968. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 10178, 22 nov. 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15537.htm. Acesso em: 10/2025.

BRASIL. Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jul. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9099.htm. Acesso em: 10/2025

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB). Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://bit.ly/1d40CY4>. Acesso em; 10/2025.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/115100.htm Acesso em: 10/2025

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Presidência da República 2003. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 10/2025

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 10/2025.

CARTAS abertas (visita de estudantes da escola Martinho Sales Brasil). **OBE TV**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OlosctessxA&t=136s>. Acesso em: 10/2025.

CERQUEIRA, Alan Costa, et al. Experiências do Programa Residência Pedagógica em História no Instituto Municipal Luiz Viana Neto. p. 96 - 116, 2024. **Experiências formativas, investigativas e colaborativas do Programa Residência Pedagógica - UNILAB** [recurso eletrônico]. 539 p. Fi, Cachoeirinha - RS, 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1GPiFgyCT3f3nUXmMHfq5N3rLtZZLPccZ/view>. Acesso em: 10/2025.

COSTA, Candida Soares da; SANTOS, Sérgio Pereira dos. Educação das relações étnico-raciais na sociedade brasileira: concepções, princípios e determinações. **Roteiro**, [S. l.], v. 47, p. e26478, 2022. DOI: 10.18593/r.v47.26478. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26478>. Acesso em: 7 nov. 2025.

FANDOM. **Wikipédia**, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fandom>. Acesso em: 10/2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 157 p. 1967. disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-pr%C3%A1tica-da-liberdade.pdf>. Acesso em: 10/2025

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. 69 p. João Pessoa - PB, Marca de Fantasia, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. A força educativa e emancipatória do Movimento Negro em tempos de fragilidade democrática. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 360–371, 2020. DOI: 10.12957/teias.2020.49715. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/49715>. Acesso em: 10/2025.

JEANNE SCHEPER. **UCI**, 2024. Disponível em: <https://faculty.uci.edu/profile/?facultyId=5581>. Acesso em: 10/2025

LACERDA, Carlos de Brito. Fanzines educacionais: uma possibilidade concreta na educação ou uma blasfêmia no meio fanzineiro?. **Dossiê FANZINES, ARTEZINES E BIOGRAFCZINES publicações mutantes**. Coleção Desenrêdos, volume 14, 433 p, Goiânia, 2021.

LEITE. Christian Arnold. **Ensinando outras histórias sobre a Casa da Feitoria Velha através de um zine: uma proposta de educação das relações étnico-raciais no ensino de**

História em São Leopoldo – RS. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Ensino de História. Porto Alegre - RS, 2021.

LIMA, Emerson Lucas Morais. Os zines e as bibliotecas: uma relação necessária. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 40–53, 2019. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/145>. Acesso em: 10/2025.

LIVROS didáticos atuais são 'lixo', e governo vai 'suavizar' linguagem a partir de 2021, diz Bolsonaro. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/03/livros-didaticos-atuais-sao-lixo-e-governo-vai-suavizar-linguagem-a-partir-de-2021-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 10/2025

LOUIS RUSSELL CHAUVENET. **Fancylopedia 3 - F3**, 2024. Disponível em: https://fancylopedia.org/Louis_Russell_Chauvenet. Acesso em: 10/2025.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. 90 p. São Paulo, Brasiliense, 1993.

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. **Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer**. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NILMA LINO GOMES. **Literafró**, 2024. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafró/autoras/368-nilma-lino-gomes>. Acesso em 11/2025.

OLIVEIRA, Isaque de Jesus. Sobre o História Pedagógica. **História Pedagógica**, 2025. Disponível em: <https://historiapedagogica.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 10/2025.

OLIVEIRA, Isaque de Jesus. **Violência escolar vivenciada por pessoas LGBTQIA+ em São Francisco do Conde - BA**. 2022. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

ORIENTAÇÃO Relato de Experiência. **Portal GOV.br**, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hu-ufma/ensino-e-pesquisa/rede-de-pesquisa/ORIENTACAO_RELATO_DE_EXPERIENCIA.docx Acesso em: 10/2025.

PENTEADO, Hildebrando Cesario. **Fanzine: expressão cultural de jovens em uma escola da periferia de São Paulo**. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

PINTO, Renato Donisete. Fanzine como recurso pedagógico: aplicação nas aulas de Educação Física em uma Escola Municipal. **Revista Imaginário**, N. 8, 125 p. Editora Marca de Fantasia, ISSN 2237-6933, Paraíba, Jun. 2015.

PINTO, Renato Donisete. **O fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula**. 50 p. Marca de Fantasia, João Pessoa - PB, 2013.

PROGRAMA de Residência Pedagógica. **GOV.br**, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 10/2025.

RECURSOS Humanos - Partiu Estágio. **BA.GOV.BR**, 2025. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/administracao/node/148>. Acesso em: 10/2025.

RIBEIRO, S. M. de O. .; COSTA, C. H. .; DAMASCENO, A. C. de S.; SILVA, S. A. da. Fanzine: uma metodologia ativa como prática avaliativa no ensino de geografia – um relato de experiência. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**. [S. l.], v. 2, n. 3, p. e021018, 2021. DOI: 10.51281/impa.e021018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/6451>. Acesso em: 2 set. 2025.

ROSEMBERG, Fúlvia. BAZILLI, Chirley. SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, Volume: 29, Número: 1, São Paulo, 2003.

SCHEPER, Jeanne. Zine Pedagogies: Students as Critical Makers. *Radical Teacher*, [S. l.], v. 125, 2023. DOI: 10.5195/rt.2023.963. Disponível em: <https://radicalteacher.library.pitt.edu/ojs/radicalteacher/article/view/963>. Acesso em: 01 oct. 2025.

SILVA. Claudilene Maria da. **A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento: práticas pedagógicas escolares em História e cultura afro-brasileira**. CRV, 212 p. Curitiba, 2019.

SILVA, Míriam Alves Bastos da; ALVES Bruno Fernandes; Arte/Educação, fanzines e histórias de vida: uma experiência de ensino de Arte na educação de jovens e adultos da região metropolitana do Recife. **Revista Imaginário**, N. 14, 116 p., Editora Marca de Fantasia, ISSN 2237-6933, Paraíba, Jun. 2018.

SOUSA, Diego El Khouri. **Zine: arte, resistência e ações pedagógicas**. 2022. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SOUZA, Filipe os Santos; DRAGO, Rogério. UTILIZAÇÃO DE ZINE COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA PRODUÇÃO DE TEXTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, [S. l.], v. 23, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.artefactumjournal.com/index.php/artefactum/article/view/2265>. Acesso em: 10/2025.

ZAVAM, Aurea Suely. E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos. In: ARAÚJO, Júlio César (org.). **Internet & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, v. 1.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Formulário de Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines

Avaliação Metodológica da Oficina de Produção e Contação de Zines.

A presente avaliação tem como objetivo compreender os impactos pedagógicos e metodológicos da **Oficina de Produção e Contação de Zines**, ministrada por *Isaque Oliveira*, no âmbito da formação continuada de professores(as) para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ofertado pela Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A presente avaliação tem como objetivo compreender os impactos pedagógicos e metodológicos da **Oficina de Produção e Contação de Zines**, ministrada por *Isaque Oliveira*, no âmbito da formação continuada de professores(as) para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ofertado pela Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A presente avaliação tem como objetivo compreender os impactos pedagógicos e metodológicos da **Oficina de Produção e**

Contação de Zines, ministrada por *Isaque Oliveira*, no âmbito da formação continuada de professores(as) para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ofertado pela Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A presente avaliação tem como objetivo compreender os impactos pedagógicos e metodológicos da **Oficina de Produção e Contação de Zines**, ministrada por *Isaque Oliveira*, no âmbito da formação continuada de professores(as) para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ofertado pela Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira. A

presente avaliação tem como objetivo compreender os impactos pedagógicos e metodológicos da **Oficina de Produção e Contação de Zines**, ministrada por *Isaque Oliveira*, no âmbito da formação continuada de professores(as) para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ofertado pela Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Por meio deste formulário, busca-se identificar de que maneira os(as) participantes têm incorporado o **zine como ferramenta didática**, investigando suas potencialidades no desenvolvimento da **expressão crítica**, da **produção autoral** e da **Educação para as Relações Étnico-Raciais** no ambiente escolar.

As respostas coletadas contribuirão para a análise dos resultados formativos da oficina e para a elaboração de reflexões acadêmicas sobre metodologias criativas no ensino de História e nas

demais áreas do conhecimento.

Sua colaboração é essencial para fortalecer práticas pedagógicas emancipadoras e o uso do zine como instrumento de transformação social, cultural e educativa.

(Tempo estimado de preenchimento: 8 a 10 minutos. Todas as informações são confidenciais e destinadas exclusivamente a fins de pesquisa e avaliação.)

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Termo de consentimento:*

Declaro que li e compreendi as informações sobre esta pesquisa, e que minha participação é voluntária. Autorizo o uso das minhas respostas para fins exclusivamente acadêmicos, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados.

Marque todas que se aplicam.

Sim, Aceito.

Identificação e perfil:

2. Nome: *

3. Escola em que atua:

4. Etapa de ensino em que leciona: *

Marque todas que se aplicam.

- Educação Infantil
 Ensino Fundamental I
 Ensino Fundamental II
 Ensino Médio
 Outro: _____

5. Tempo de docência: *

Marcar apenas uma oval.

- Até 3 anos.
 4 a 10 Anos
 Mais de 10 anos

Avaliação da oficina:

6. A oficina contribuiu para ampliar seus conhecimentos sobre práticas pedagógicas criativas e a Educação para as Relações Étnico-Raciais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Parcialmente
 Não

7. Como você avalia a clareza das orientações e conteúdos apresentados durante a formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
 Boa

- Regular
- Insuficiente

8. Como avaliaria os materiais de produção utilizados durante a oficina? *

Marcar apenas uma oval.

- Excelente
- Bom
- Regular
- Ruins

9. A metodologia de produção de zines foi relevante para sua prática docente? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, muito
- Parcialmente
- Não

10. Como avalia a relação do zine com a Educação para as Relações Étnico-Raciais? *

Marcar apenas uma oval.

- Não há relação
- Relação fraca
- Relação moderada
- Relação forte
- Relação muito forte

Aplicação da metodologia em sala de aula:

11. Sobre os materiais adquiridos, conseguiu ou pretende reproduzir para alguma de suas aulas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, consegui reproduzir
- Pretendo reproduzir futuramente
- Não pretendo reproduzir, vou manter como material de leitura

12. Você já aplicou, ou planeja aplicar, a metodologia de produção de zines em suas aulas? *

Marcar apenas uma oval.

- Já apliquei
- Pretendo aplicar
- Não apliquei nem pretendo aplicar

13. **Caso tenha aplicado**, descreva brevemente como desenvolveu a atividade (temas, turmas, resultados esperados)

14. Quais foram as principais **facilidades** encontradas para aplicar a metodologia dos zines em sala?

15. Quais foram as principais **dificuldades** encontradas?

Impactos e percepções:

16. Após a formação, você considera que a produção de zines tem um potencial para.*

Marque todas que se aplicam.

- Desenvolver a expressão crítica dos estudantes
- Estimular a leitura e a escrita
- Trabalhar temas transversais e identitários
- Valorizar saberes locais e experiências estudantis
- Promover integração entre disciplinas

17. Em que medida a experiência com zines dialoga com as competências da BNCC para sua área de atuação? *

Marcar apenas uma oval.

- Não percebo relação
- Relação baixa
- Relação moderada
- Relação alta
- Relação muito alta

18. Que mudanças ou reflexões a oficina provocou em sua prática pedagógica?

19. Em sua opinião, o uso dos zines como ferramenta pedagógica deve ser: *

Marcar apenas uma oval.

Incentivado como prática permanente

Utilizado apenas em projetos pontuais

Substituído por outras metodologias

20. Deixe um comentário livre sobre sua experiência com a formação e o uso de zines em sala:

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

APÊNDICE B - Blog História Pedagógica

QRcode:



Link:

<https://historiapedagogica.wordpress.com/>